

# Invasores não foram notificados

*Desinformação e demora na definição de novos administradores regionais retardam as ordens de desocupação dos terrenos*

Rovênia Amorim  
Cristina Ávila  
Da equipe do **Correio**

Dois dias após o governador Joaquim Roriz ter anunciado que os invasores teriam prazo de 72 horas para desocupar as áreas públicas, as administrações regionais ainda não haviam iniciado as notificações. Até ontem, não tiveram tempo de comunicar oficialmente a ordem de abandonar barracos.

Muitas administrações ainda estão sem chefia. E as que já têm comando definido não tiveram tempo de saber a quem notificar. É o caso do administrador do Lago Norte. Marco Lima afirma que no Varjão as invasões cresceram de 444 barracos para mais de 800, desde outubro até agora. Mas ele ainda não sabe quantos invadiram lotes nos condomínios Privê e Hollywood.

“Tenho que saber a quem vou notificar. Por isto, antes preciso ter o levantamento completo das invasões.” Marco Lima afirmou que na última quinta-feira foi comunicado, por policiais, sobre as invasões nos condomínios na beira do lago Paranoá.

O administrador do Lago Norte já colocou fiscais vigiando as áreas. “No Varjão, estão fiscalizando 24 horas por dia. Lá estão construindo barracos até para alugar. Está havendo comércio na invasão. Acho que imaginaram que a administração não estaria atenta a isto e pensaram que invadir seria tranquilo”, diz ele.

A secretária de Habitação, Ivelise Longhi, garante que os ocupantes de áreas públicas não devem mesmo ficar tranquilos. Ela disse que os caminhos legais são a notificação, o embargo dos barracos construídos e a ação judicial. “Se a Justiça determinar que os barracos sejam demolidos, vamos cumprir a lei”, afirma. Porém, não acredita que seja necessário tanto e assegura que nada será feito com violência.

E mesmo que os barracos sejam derrubados, não será mais pelo Serviço de Vigilância do Solo, que passará apenas a apoiar outros órgãos responsáveis por ações na política de habitação, explica o secretário de Segurança, Paulo Castelo Branco: “O SivSolo vai proteger a comunidade e os funcionários que forem notificar, e trabalhar em atividades como cadastramento”.

As famílias que invadiram lotes vazios dos conjuntos 24 e 25 da QN 1 do Riacho Fundo sabem do ulti-

mato de 72 horas dado pelo governador Joaquim Roriz para desmontarem seus barracos. Mas lá ninguém foi ainda notificado. E por isso, a decisão de todos é a de ir ficando. São aproximadamente 70 barracos de madeirite, quase todos construídos na última semana.

O casal Mônica Soares, de 17 anos e grávida de dois meses, e o marido Welington Rodrigues, de 16, mudou para o terreno baldio do conjunto 25, dois dias antes da posse do governador Roriz — em 30 de dezembro. Welington e a mãe, Terezinha Rodrigues, de 33 anos, construíram o barraco.

Na nova invasão do Riacho Fundo, todos são filhos ou irmãos de pessoas que ganharam lotes no segundo governo de Roriz. Terezinha Rodrigues, por exemplo. “Meu filho disse que ia invadir porque não tinha onde morar. Eu dei apoio. Ele é menor e ninguém dá emprego”, admite a mãe de Welington, que ganhou lote de Roriz na quadra 1 do Riacho Fundo, conhecida como Bairro da Telebrasil.

Uma amiga da família, a doméstica Maria Elis Alves de Souza, 49 anos, é mais confiante na benevolência de Roriz. Acredita que ele deixará o pessoal ficar no local. “Ele vai entender a gente. Ano passado, quando resolveu se candidatar, veio rezar com a gente na igreja Anjo da Guarda. Cantou aquela música *Eu te amo*, do Roberto Carlos, e chorou. Disse que amava esse bairro”, conta Maria Elis, que também ganhou lote de Roriz no seu último governo.

Em outra ponta do Distrito Federal, em Brazlândia, os novos invasores que chegaram no último mês na Vila São José também não pretendem abandonar a área — um lamaçal entre as quadras 47 e 48 da expansão, que eles aterraram para construir os barracos de madeirite. “Vou esperar vir a notificação primeiro. É bem provável que ele deixe a gente ficar aqui”, acredita Eurípedes de Jesus Pereira, 30 anos, um pedreiro e carpinteiro desempregado.

Há um mês, ele e a família — mulher e os quatro filhos menores de dez anos — invadiram o terreno. Solidário, dividiu o lote ao meio e ajudou a sogra a construir outro barraco. “Todo mundo aqui ajudou a elegê-lo e agora vai nos jogar na rua? É melhor conversar. Que ele dê um tempo pra gente aqui viver sossegado, até arrumar outra área então onde a gente vai poder ficar”, sugere.